

Rock bobagem

Prestes a tocar no Rio, os Mamonas Assassinas lideram a ressurreição do pop 'engraçadinho'

Gravadora EMI, 13h30m. Atrasados meia-hora para a entrevista, entram numa sala — onde estava preparada uma mesa de queijos e refrigerantes — uns rapazes normais, mas com um visual meio esquisito: os cabelos são cor-de-abóbora, azul escuro com vermelho e rastafari. Eles entram fazendo barulho com bolas de soprar. Eles são os Mamonas Assassinas, o maior fenômeno comercial do mercado fonográfico dos últimos tempos. Com o disco de estréia lançado há apenas quatro meses, já venderam mais de 1,3 milhão de cópias, e pretendem bater a marca do Rei Roberto Carlos — 2 milhões — até o Natal. Nos próximos dias 16 e 17, os Mamonas tocam no Metropolitano.

Ignorando completamente o fato de aquilo ser uma entrevista eles seguem direto para a mesa de queijos "estranhos".

— Que que é isso? — pergunta o baterista Sérgio, desconcertado diante de um camembert. — Que cheiro horrível têm esses queijos!

Cultores do lixo pop do rádio e da TV, os Mamonas juram que não fazem música para um público específico.

— Fazemos o que nos diverte — explica Dinho, o vocalista e líder do grupo, cujos integrantes têm, em média, 25 anos.

De idade. — Porque a faixa etária mental não ultrapassa os 17 anos — admite Júlio, tecladista e letrista da banda.

Sobre o fato de bater a marca de vendas de Roberto Carlos...

— Esse boom foi uma tremenda surpresa — diz Sérgio. — Não teve segredo, fizemos um trabalho no qual acreditávamos, e acabou dando certo.

Principalmente com as crianças que, para a surpresa do próprio grupo é o seu público mais fiel.

— Não tínhamos a mínima noção disso. Começamos a fazer um trabalho sem visar a nenhum tipo de público ou de faixa etária.

Mas eles concordam que as suas letras — repletas de besteirol, escatologia e gracinhas sem graça — têm muito mais em comum com os espectadores da Xuxa do que com os de Serginho Groisman.

— Nossa formação vai de Ultraman aos Power Rangers — conta Júlio, maníaco pelo seriado "Jornada nas estrelas".

Esquisitos na rua e nos palcos, em casa os Mamonas não são tão estranhos. Todos moram com os pais e ouvem Gal Costa.

— Ouvimos de tudo um pouco, o que não quer dizer que gos-



Mamonas Assassinas: com 1,3 milhão de cópias vendidas, a banda de Guarulhos canta rock com letras escatológicas e usa roupas engraçadinhas

temos de tudo — explica Júlio. Além da vendagem estrondosa, um dos assuntos que tem rondado os Mamonas são os palavrões presentes nas letras do grupo. Eles comentam.

— Na verdade, a maioria das crianças já sabe o significado do que estão cantando — diz Dinho. — E as que não sabem vão acabar aprendendo na rua, e tudo distorcido. Acho que essa é até uma forma saudável, e sem hipocrisia, de ensinar. Meu pai mentiu para mim e eu aprendi na rua mesmo. Isso não é legal.

Embora, tendo atingido a marca dos 1,3 milhão e com a expectativa de vender cerca de 50 mil discos por dia ainda este mês, os Mamonas dizem que não estão ricos.

— Só se for de espírito — desista Dinho. (Paula Miller)

Furacões pop

Secos & Molhados

O ex-grupo de Ney Matogrosso tomou de assalto a MPB com seu disco de estréia, "Secos & Molhados" (1973), que vendeu 1 milhão de cópias.

RPM

O disco "Rádio pirata ao vivo" (1986) vendeu 1,9 milhão de cópias.

Ritchie

O cantor inglês atingiu a cifra de 1 milhão de cópias com o seu primeiro compacto, "Menina veneno" (1983).

Em vendas, só RPM é páreo

MAURO FERREIRA

Goste-se ou não da música infantil-juvenil do grupo Mamonas Assassinas, não dá para negar que o grupo é um fenômeno de vendas. As cifras são quase inéditas: mais de 1,3 milhão de discos vendidos em apenas quatro meses. Tal número foi atingido somente pelo segundo disco do RPM, "Rádio pirata ao vivo", que, em 1986, beirou os dois milhões de cópias vendidas. Mas o RPM já não era um iniciante e contava com o carisma e os ombros bem torneados de seu sensível vocalista, Paulo Ricardo. Para se ter uma idéia do "fenômeno Mamonas", um milhão

de discos vendidos é um patamar galgado apenas por medalhões como Roberto Carlos, Xuxa e as duplas sertanejas Chitãozinho & Xororó e Zezé Di Camargo & Luciano. Mas vale lembrar que tais artistas não começaram no topo, mas conquistaram, disco a disco, a fidelidade de seu público.

Em 1973, o grupo Secos & Molhados também vendeu um milhão de cópias de seu disco de estréia, mas não com tanta rapidez. Mesmo caso de Ritchie, que atingiu essa cifra ao longo de um ano de sucesso. Resta saber se os Mamonas vão sobreviver, ou serão um fenômeno passageiro como uma chuva de verão.

Praga voltou com Raimundos

ANTÔNIO CARLOS MIGUEL

Quem achava que o rock engraçadinho tinha acabado com os anos 80, tem que agüentar agora o estrondoso sucesso do rock bobagem dos Mamonas Assassinas. O grupo de Guarulhos faz um humor pré-adolescente, entre o obscuro e o escatológico, e é musicalmente indigente. Algo que soa intragável para alguém com mais de 12 anos. Mas o pior da história é que a indústria do disco parece acreditar que aí está o novo filão para o pop brasileiro na década de 90.

Apesar dos referenciais mais "autênticos", misturando o punk de grupos americanos Ramones e Dead Kennedys com o deboche dos sanfoneiros nordestinos, os Raimundos podem ser considerados precursores da praga. As 200 mil cópias vendidas do álbum de estréia do quarteto de Brasília — lançado no fim de 1994, pelo selo dos Titãs — mostraram que havia um grande público adolescente atrás desse tipo de rock. Agora, as grandes gravadoras já lançaram pelo menos quatro outras bandas que, com variações insignificantes, seguem a mesma linha. Do pop-reggae do grupo curitibano Sr. Banana (Virgin Records) ao rock de sotaque gaúcho da banda Maria do Relento (selo Excelente/PolyGram), passando pelo Linguachula (selo Banguela/WEA) ou Peter Perfeito (RockIt!/Virgin). Este último, vem de Brasília, e sua música de trabalho deixa clara quais as intenções já a partir do título: "Encostar a cabecinha". A banda gaúcha Maria do Relento, no álbum do mesmo nome, se dá ao trabalho de gravar (e ainda assumir a autoria) uma piada velha como "Conhece o Mário?" Bobagem por bobagem, a Turma da Casetta & Planeta ainda é melhor.

Betty Carter se apresenta em SP

CRISTINA RAMALHO

SÃO PAULO — Longe dos estereótipos de jazz singer que exige tratamento vip e de cantora atormentada e autodestrutiva, Betty Carter, 66 anos, uma das maiores divas do jazz, tem bom-humor e energia. Betty falou do prazer de viver sem fazer planos e poder cantar o que gosta numa entrevista ao GLOBO, concedida num hotel afastado do centro. Canta em São Paulo, no Bourbon, nos dias 8 e 9, e depois segue para Belo Horizonte e, nos dias 15, 16 e 17 se apresenta no Jazzmania, no Rio. No repertório, muito do seu mais recente disco, "Feed the fire", no qual ela brilha acompanhada pelo pianista Geri Allen, pelo baterista Jack DeJohnette e pelo baixista Dave Holland. Como sempre, Betty se faz acompanhar por músicos jovens (são quatro na banda), condizente com sua postura de sempre descobrir novos talentos.

— Não planejo shows, não quero pensar no que vou cantar, deixo as coisas seguirem seu curso — diz Betty.

Ela já veio diversas vezes ao Brasil, e se sente em casa no país. Da última vez, há pouco mais de um ano, ganhou de Tom Jobim o seu último disco, "Antônio Brasileiro".

— Não imagino o quanto Jobim apreciava meu canto, mas devia gostar, já que me fez essa

surpresa. Eu posso dizer que adoro sua música, embora soe óbvio gostar dele. Quem poderia não gostar? Suas canções são belíssimas — diz.

Betty evita dizer quais cantoras admira ("quando comecei, tinha tabu de copiar um estilo e não conseguir criar o meu próprio, e até hoje não sento para ouvir discos prediletos", brinca), e conta que é ouvinte mesmo de música clássica. Lembra, divertida, da amiga Jessye Norman (uma das melhores sopranos do mundo), que foi ver Betty num clube e teve de sair de tão esfumaçado que era o lugar.

— Cantora clássica é assim mesmo, está atenta à voz o tempo todo. Eu cuido o mínimo da voz, mas jazz é assim, estamos improvisando, cantando com a alma — comenta Betty. — Deixo a vida seguir, não me preocupo com o que virá. O jazz tem estado estável ao longo dos anos, e meu público muda pouco. Mas sinto a presença de muitos jovens na plateia, o que me encanta — diz a cantora.

Seria a influência do mix entre jazz e rap e outros gêneros o responsável pelo aumento do interesse dos jovens?

— Não creio. Não ouço essas inovações, não posso julgar. E só posso acreditar em novos públicos a partir de maior vendagem de discos de jazz. Enquanto isso não acontece, continuo acreditando apenas no velho e bom jazz.

Autônôveis

QUINTA E SEXTA

ANANIAS

Fervor Coca-Cola

APRESENTA

OS PARANÓIAS DO SUCESSO

HORÁRIO: QUINTA ÀS 21:30 H. SEXTA ÀS 22:30 H.

INGRESSOS À VENDA TAMBÉM NAS LOJAS INEGA: PLAZA SHOPPING NITERÓI, RUA EDGAR ROMERO, SHOPPING VITRINES DO VILAR E AV. SUBURBANA, 3203.

PREÇOS: PISTA LIVRE R\$18, LATERAL R\$30, LATERAL ESPECIAL R\$35, CAMAROTE R\$40.

APOIO: **INEGA** **Rádio Cidade FM 102,9**

SÁBADO

VILLAGE PEOPLE

HORÁRIO: 22:30 H.

APOIO: **INEGA**

INGRESSOS À VENDA TAMBÉM NAS LOJAS INEGA: PLAZA SHOPPING NITERÓI, RUA EDGAR ROMERO, SHOPPING VITRINES DO VILAR E AV. SUBURBANA, 3203.

PREÇOS: PISTA LIVRE R\$18, LATERAL R\$20, LATERAL ESPECIAL R\$30, CAMAROTE R\$35.

TOM CAVALCANTE

DE 16 A 30 DE DEZEMBRO

INGRESSOS: METROPOLITAN (VIA PARQUE SHOPPING). INFORMAÇÕES: TEL.: 385-0515/FAX: 385-0520

TEATRO DA LAGOA (AO LADO DO RESUMO DA ÓPERA). INFORMAÇÕES: TEL.: 294-6758.

FIAT: FINIT, DELSUL, BRILHAUTO, EUROBARRA E ROMA.